

A MOCINHA ROMÂNTICA E A MULHER REALISTA REPRESENTADAS NA FIGURA DA MULHER DO SÉCULO XXI

Gislaine Silva dos Santos⁴²
Faculdade Sete de Setembro-FASETE

Joranaide Alves Ramos.
nad.alvesramos@hotmail.com⁴³

RESUMO

Esse trabalho objetiva analisar o modo como as mulheres foram vistas nos movimentos literários do Romantismo e do Realismo e como isso influenciou a mulher do século XXI. Para isso, comparamos as personagens *Lisbela* do filme *Lisbela e o Prisioneiro* (2003), representando a mocinha romântica, aquela que era retratada como a figura de um anjo, pura, perfeita e intocável; e *Rosa*, do filme *Uma História de Amor* (2006), representando a mulher realista, mulher pecadora, forte e decidida. Após verificar as características das duas personagens dos filmes, observamos as mulheres da sociedade atual e percebemos que elas misturam em seu modo de pensar e agir as duas perspectivas, romântica e realista. Para fundamentar esta pesquisa foram utilizados os pressupostos teóricos de Coutinho (1999; 2001), Beauvoir (2009), Moisés (2005) e Fazzolari (2009).

PALAVRAS CHAVE: Lisbela. Mulher. Rosa. Realismo. Romantismo.

ABSTRACT

This work aims to analyze the way how women were seen in the literary movements of Romanticism and Realism, and how it influenced the woman of the XXI century. For this, are compared the characters Lisbela from the movie *Lisbela e o Prisioneiro* (2003), representing the romantic lassie, the one who is pictured as an angel, pure, perfect and untouchable; and Rosa, from the movie *Uma História de Amor* (2006), representing the realistic woman, a sinner, strong and decided woman. After verifying the characteristics of both characters from the movies, are observed the women in current society, and we perceive that they fuse, in their ways of thinking and acting, both perspectives, the romantic and the realistic ones. To base the research were utilized the theoretical assumptions of Coutinho (1999; 2001), Beauvoir (2009), Moisés (2005) and Fazzolri (2009).

KEYWORDS: Lisbela. Rose. Realism. Romanticism.

⁴² Graduanda em Licenciatura em Letras e suas respectivas Literaturas

⁴³ Mestre em estudos literários, professora de Literatura Brasileira do Curso de Letras da Faculdade Sete de Setembro – FASETE.

INTRODUÇÃO

O Romantismo surgiu no século XVIII e prevaleceu até meados do século XIX, fortemente marcado pela sentimentalidade e pelo lirismo e pela idealização. As mulheres representadas nesse período nas obras literárias eram vistas, geralmente, com perfeição física e espiritual; eram retrato de pureza, sonhavam com o seu príncipe encantado a quem iam dedicar-se exclusivamente de corpo, alma e coração.

Durante o século XIX, o Romantismo ainda predominava, porém já se fazem notar os traços do Realismo, movimento que procurava representar, acima de tudo, uma espécie verdade, isto é, um retrato da vida mais aproximado da realidade. As mulheres puras tornam-se pecadoras, apresentando os seus defeitos, sendo insubmissas e visando, acima de tudo, seus interesses pessoais.

Assim sendo, esse trabalho tem como objetivo comparar as personagens *Lisbela* do filme *Lisbela e o Prisioneiro* que representa, a nosso ver, a mocinha romântica e *Rosa* do filme *Uma História de Amor* que figura, aparentemente, a mulher realista. Nesse sentido, abordamos as características de cada uma delas, mostrando quais desses perfis encontramos na mulher de hoje. Os filmes são do século XXI e mesmo assim encontramos características do Romantismo e do Realismo nas personagens femininas *Rosa* e *Lisbela*.

1 OS FILMES

O filme *Lisbela e o Prisioneiro* é uma adaptação da peça de teatro de Osman Lins de 1960. Trata-se de uma comédia romântica, dirigida por Guel Arraes lançada em 2003 e conta a história de uma mocinha sonhadora, *Lisbela*, que adora assistir filmes norte-americanos e sonha com os heróis do cinema; ela está de casamento marcado, mas apaixona-se por um malandro chamado *Leléu*. Eles terão que enfrentar muitos obstáculos para ficarem juntos.

Já o filme *Uma História de Amor*, também brasileiro, foi dirigido por Fabrício Mamberti e lançado em 2006, e conta a história de Rosa, uma menina que perdeu a mãe muito cedo e foi criada pela avó, *Dona Violeta*; Rosa tinha um grande amigo chamado *Zeca* que queria sempre estar ao seu lado. *Rosa* era uma menina inquieta e corajosa até tornar-se adulta, quando saiu de sua pequena cidade, deixando sua avó; lá, namora com vários homens e tem muitas profissões e como nada a encanta, resolve ir atrás da “Rosa Rebelde”, uma rara espécie de flor e em busca desse desafio ela encontra a chave de sua felicidade.

A primeira cena do filme *Lisbela e o Prisioneiro* já mostra exatamente as características de *Lisbela* que a definem como uma mocinha romântica. Encantada por cinema, a personagem, ao assistir a seus filmes preferidos, fica sonhando com os mocinhos e com as histórias de amor, desconectando-se totalmente da realidade. No primeiro diálogo entre ela e seu noivo *Douglas*, observamos a ideologia da mocinha ao afirmar que:

— Eu adoro essa parte, a luz vai se apagando devagarzinho, o mundo lá fora vai se apagando devagarzinho, os olhos da gente vão se abrindo, daqui a pouco a gente nem vai mais lembrar que tá aqui. Tem um mocinho namorador que nunca se apaixonou por ninguém até conhecer a mocinha, tem uma mocinha que vai sofrer bem muito porque o amor do mocinho é cheio de problemas, tem um bandido que só quer saber de matar o mocinho ou de ficar com a mocinha ou as duas coisas, tem uma mulher que também quer o mocinho, mas ele não quer nada com ela, e tem também mais uma ruma de personagens que vão ficar fazendo graça para animar a história uns vão terminar bem como os mocinhos e as mocinhas e os outros tão mal quanto os bandidos conforme eles ajudem ou atrapalhem o romance.

Lisbela, com isso, aborda dois aspectos encontrados nos personagens românticos; primeiramente, o escapismo, o desejo de fugir para um mundo idealizado mediante a imaginação, e, segundo, o exagero, o sonho de um mundo perfeito. No livro *Introdução A Literatura no Brasil* Afrânio Coutinho ressalta que: “O romântico é temperamental, exaltado, melancólico. Procura idealizar a realidade, e não reproduzi-la”. (2001, p.143)

É exatamente para desconstruir essa realidade fantasiada que surge o Realismo que, conforme Coutinho:

O Realismo procura apresentar a verdade. Esse tratamento verdadeiro do material, essa verossimilhança no arranjo de fatos selecionados, unificados, apontando numa direção, é essencial, e se traduz também no uso de emoção, que deve fugir ao sentimentalismo ou artificialidade. Essa qualidade ainda aparece no modo de apresentar partes: o realismo não se submete a uma visão demasiado ordenada da vida, o que lhe parece artificial, pois a vida tem um ritmo irregular. (1999. pág. 10)

E é exatamente por ser uma personagem que age sem sentimentalidade, apresentando suas qualidades e seus defeitos também, que consideramos *Rosa* a mulher realista. Em um trecho do filme a personagem já demonstra que é totalmente descrente aos aspectos românticos. Vejamos o seguinte trecho: “— Eu nunca acreditei nessas coisas românticas não.”

Rosa prefere encarar os fatos e ver a verdadeira realidade que a cerca, ao invés de idealizá-la, mostrando que não há perfeição, tudo não é belo e bom, há coisas feias e ruins também no mundo. Essa é uma importante marca dos personagens realistas como apresenta Coutinho:

O Realismo logrou impor a pintura verdadeira da vida dos humildes e obscuros, os homens e mulheres comuns que estão habitualmente em torno de nós, vivendo uma vida compósita, feita de muitos opostos, bem e mal, beleza e feiura, rudeza e requinte, sem receio do trivial e do monótono. (2001, 185-186)

A mocinha *Lisbela* encara a vida subjetivamente, enquanto a mulher realista *Rosa* observa que a vida deve ser vista objetivamente. Ao observamos a vida da personagem *Lisbela*, percebemos que a sociedade apresentada no enredo do filme é patriarcal, as mulheres eram educadas para casar, ser boas donas de casa e cuidar do seu marido, sendo sempre submissas. Comprovamos essa afirmação em um trecho do filme quando a mesma conversa com seu pai. Veja o trecho abaixo:

- Minha filha é que na primeira noite, na noite de núpcias, às vezes o homem perde certas coisas que você não deve atender.
- Mas eu não devo obedecer ao meu marido pai?
- Deve minha filha, deve!
- Eu devo ou não?
- Obedeça minha filha, obedeça!

O pai de *Lisbela* a considerava uma menina frágil e ingênua, e tenta alertá-la para a vida, mas acaba deixando claro que a mulher deve curvar-se a vontade do seu marido, concordando ou não com ele, papel imposto pela sociedade patriarcal às mulheres como Cláudia Fazzolari destaca na revista *Discutindo a Literatura Especial*:

Amar o marido respeitá-lo como seu chefe, adverti-lo com discrição e prudência: calar quando o vir irritado; tolerar com paciência seus defeitos, ser prudente e mansa, paciente e carinhosa com toda a família, E suas qualidades reconhecidas eram a pureza, a benevolência, a paciência, a doçura, a dedicação, o pudor e a modéstia (2009, p.52).

Lisbela por pertencer a uma sociedade patriarcalista, não trabalha, não estuda, e o seu único pensamento e preocupação é casar e construir uma família, sendo totalmente dependente do seu marido. Com isso, favorece o poder masculino em dominar a mulher como Simone de Beauvoir declara em *O segundo Sexo*:

O mundo sempre pertenceu aos machos. (...). Já verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à

outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher (2009, p.99).

Já no filme *Uma História de Amor*, a personagem *Rosa*, desconstrói esses princípios impostos pelo patriarcalismo, e tem o total apoio de sua avó, *Dona Violeta*. O principal objetivo de sua vida é tornar-se independente. Ela deixa isso claro em um diálogo com uma amiga quando diz que: “— Além do mais eu sempre achei que eu tinha coisa melhor pra fazer na vida, conhecer o mundo, por exemplo, eu não sabia para onde eu ia, mas sei que precisava ir, com minhas próprias pernas e sem nenhum romance para atrapalhar.”.

E foi exatamente assim que ela fez, arrumou suas malas e foi viajar pelo mundo, com o total apoio de sua avó, na despedida entre *Dona Violeta* e *Rosa*, a avó abraça e beija a neta e lhe diz: ”— Deus te abençoe meu amor.”

Depois de sair de sua cidade começa a jornada de *Rosa*. Ao chegar a outra cidade arranja um emprego como lutadora e começa a namorar *Vanderlei*, um lutador de MMA. Vejamos o trecho:

— Eu cheguei com a cara e a coragem e pouco dinheiro no bolso, não tinha ideia do que eu ia fazer, eu dizia que queria ser botânica, mas nem eu mesma acreditava nisso, eu nunca fui muito de estudar, não vou mentir, e por causa dessa minha mania de ficar defendendo os fracos, mal cheguei na cidade e já fui me metendo em confusão...eu sempre ouvia da minha vó que eu tinha que me controlar e não podia viver brigando, que era feio para uma menina, no sei o que lá..., mas foi brigando que eu conseguir trabalho, e quando eu vir eu já estava assinando um contrato com uma companhia de luta livre, só eu mesma!, um jeito estranho de ganhar dinheiro mais eu não podia me queixar, até um namorado eu arrumei, o *Vanderlei*, lutava para pagar a faculdade, ele estudava Engenharia, e o bom do *Vanderlei* é que ele não queria se casar, pelo menos antes de se formar e ao contrário da maioria dos homens ele não falava aquelas palavrinhas detestáveis “*Eu Te Amo!*”.

Tudo o que *Rosa* detestava, *Lisbela*, a mocinha romântica, sonhava para a sua vida, e, por isso, para *Lisbela* era extremamente importante que a mulher representasse na sociedade o retrato da pureza seguindo os seus padrões, a moça deve manter-se virgem até o casamento. Em um trecho da comédia Romântica, *Douglas*, o noivo de *Lisbela*, tenta convencê-la a quebrar as regras e ceder, mas ela é firme e não deixa ser enganada. Vejamos agora abaixo o diálogo entre os dois:

Saca que casal atraente! Vamos ter filhos lindos.
—Mas ainda não é a hora não, o casamento é só no mês que vem.
—Então broto, falta tão pouquinho...
—Tá querendo o jantar na hora do almoço é?
—Quanto mais a hora vai chegando, mas a fome vai aumentando.
—Tenha modos, eu quero me casar de branco e passar a lua de mel no Rio de Janeiro, tudo direitinho.

Com essa atitude, *Lisbela* representa o comportamento da mulher no Romantismo que era comparada a anjos puros e tocá-las seria um erro. Como ressalta Massaud Moisés em *Literatura Portuguesa*: “A mulher, entre os românticos, aparece convertida, em anjo, em figura poderosa, inatingível, capaz de mudar a vida do próprio homem”. (2005, p. 224)

Rosa, a mulher realista deixa de lado esse retrato de pureza e passa a mostrar o retrato do pecado, fugindo dos padrões da família patriarcal e seguindo seus instintos humanos, proposta aceita a partir do Realismo. Ao contrário de *Lisbela*, ela não pretendia esperar até o casamento para perder sua virgindade, na verdade, ela não sonhava em casar e por essa razão perde a virgindade com seu primeiro namorado *Marlon*. Vejamos o trecho em que isso acontece:

Eu e o Marlon, a gente não conversava muito, se bem que às vezes eu tentava puxar um papo, mas Marlon não gostava muito de falar, mas mesmo assim eu não podia reclamar, a gente se entendia:
— Marlon, Marlon, pera aí Marlon, pera aí! E que a gente só se beija, você sabia que a gente nunca conversou? diz alguma coisa bonita pra mim hum?
— Rosa, você sabe que você é uma flor. É pra frente que se anda gata! confia em mim.
— Por mais ridículas que fossem aquelas palavras eu não resistir pelo menos ele tava falando.

E assim, foi a primeira vez de *Rosa*, dentro de um carro com seu primeiro namorado, sem nenhum diálogo entre os dois e depois de algum tempo o relacionamento acaba, porém, para *Rosa*, a sua atitude foi correta, pois ela se entregou aos desejos da sua carne, atitude essa explicada pela teoria da literatura naturalista, como determinismo. Nesse contexto, Coutinho ressalta que “As deliberações morais são terminadas ou são o resultado direto das condições psicológicas e outras de natureza física. O homem nada era senão uma máquina guiada pela ação de leis físicas e químicas, pela hereditariedade e pelo meio físico e social”. (2001, p. 188). Ou seja, por seguir seus instintos humanos a atitude dela é justificada pelo Determinismo, já que o ser humano é uma máquina guiada pelas leis físico-químicas.

As duas personagens não só distinguem-se nesses aspectos, mas também no que diz respeito a forma de encarar o amor. A mocinha romântica acredita que o amor deve ser

verdadeiro e infinito, capaz de superar qualquer obstáculo. *Lisbela* carrega esses ideais românticos por assistir muitos romances e acreditar que tudo que passa nos cinemas pode existir na realidade, como os heróis que salvam as mocinhas indefesas, tudo isso por amá-la e querê-la ao seu lado; em contrapartida, os vilões merecem ser castigados.

Ainda nesse sentido, destacamos um trecho em que, *Lisbela* ao sair do cinema com seu noivo eles comenta sobre o filme, em que o mocinho se transformou em um monstro e com um beijo da amada ele transformou-se de novo em príncipe. Vejamos abaixo a conversa de *Douglas e Lisbela*:

- Um instante foi o beijo que transformou ele?
- É, Douglas, é antídoto, em inglês. O amor e o "antídoto" transformaram ele.
- E quando acabar o efeito do "antídoto"?
- Ainda vai sobrar o efeito do amor.

Nessa cena, vemos o exagero romântico da personagem que foge para outro mundo deixando a realidade de lado e colocando-se dentro de um mundo de perfeição e sonho. Coutinho ressalta que “O romântico é exaltado, entusiasta, colorido, emocional e apaixonado.” (1911. p.143).

Lisbela considera o amor como algo sagrado, acredita que em nome do amor podemos fazer as maiores loucuras, morrer, matar e até abrir mão da nossa própria felicidade pela felicidade do ser amado, pensamentos esses de uma verdadeira mocinha romântica.

Por outro lado, *Rosa* encara o amor de forma realista, primeiramente, por saber da história triste da sua mãe, que foi abandonada grávida no altar pelo seu pai e durante o parto a mãe veio a falecer, deixando-a e, por isso, ela foi criada por sua avó. Ela se lembra desse fato sempre, e por isso tem trauma de amar, por medo que a história volte a se repetir. Coutinho afirma que “O homem realista prefere deliberadamente encarar os fatos, deixar que a verdade dite a forma, e subordinar os sonhos ao real” (1911, p. 186).

No início do filme, *Rosa* já deixa explícita sua dúvida, ela não sabe se existe ou não amor verdadeiro. Ela diz que:

- Minha avó, ela passou a vida inteira dizendo que um dia eu ia encontrar a outra metade da minha laranja. Será que existe mesmo?. Minha avó era daquelas pessoas que acreditavam mesmo que em algum lugar do mundo existe uma pessoa reservada só pra gente. Eu dei um trabalho pra ela.

Observamos nesse trecho que a avó de *Rosa* era romântica e tentava fazer com que ela também acreditasse nesses ideais românticos, porém *Rosa* por ter personalidade forte e decidida não quis torna-se a mocinha romântica, preferiu continuar sendo a mulher realista, pois considerava que o “*Eu te amo*” eram palavrinhas detestáveis e que a maioria dos homens utilizam delas pra levar as mulheres para a cama.

No entanto, ao verificamos minuciosamente constatamos que há aspectos realistas em *Lisbela* e aspectos românticos em *Rosa*. A desconstrução da nossa mocinha romântica *Lisbela* ocorre no exato momento em que ela conhece o malandro *Leléu* e apaixonou-se por ele; foi amor à primeira vista e, assim, ela trai o noivo e desiste do casamento, sai da casa do pai e vai viajar pelo mundo com *Leléu*, deixando para trás os princípios e os padrões que foram passados para ela. Vejamos o trecho em que ela termina seu noivado com *Douglas*:

- Bora broto. Depois você reclama que perdeu o início do filme.
- Se você não se incomodasse eu preferia ir sozinha.
- Claro que eu me incomodo você marcou comigo.
- Eu passei a noite toda tentando decidir o meu destino e eu sabia que ele já estava traçado. Era como sacudir uma moeda pra cima e ver ela caindo sempre do mesmo lado; como apostar numa roleta viciada, que toda vez para no mesmo número. Como um baralho de cartas marcadas...
- Que papo é esse? Que baralho? Que roleta?
- É a roleta do amor, e você perdeu Douglas.
- Perdi o quê se eu nem joguei?
- Pois é você nem jogou... e *Leléu* apostou todas as fichas.
- E o casamento?
- Cancela.
- E os presentes?
- Devolve.
- E o meu terno?
- Reforme.
- Você está me trocando por aquele macaco?
- Minha vida se encaixa na dele.

Aquela mocinha que idealizava um mundo novo tornou-se uma mulher disposta a encarar a realidade e passou a ser influenciada pela sua natureza humana (o determinismo); a partir daí surge uma nova *Lisbela*, uma mulher realista, porém não abandonou todas as características da mocinha romântica, continuou sendo melancólica e exaltada.

Já em *Rosa*, a mulher realista, observamos que dentro dela existia uma mocinha romântica no momento em que ela quer realizar um sonho de sua infância, encontrar a *Rosa Rebelde*, uma espécie rara praticamente impossível de ser encontrada, pois não floresce em

cultivo artificial. Nesse momento, surge o idealismo, o sonho de encontrar essa rosa, ela deixa a razão de lado e dar lugar a fé, pois acredita que vai encontrá-la. *Rosa* viaja por todo Brasil e só para quando finalmente encontra a Rosa Rebelde e nesse momento resolve ir atrás de *Zeca*, seu amigo de infância por quem ela se apaixonou, porém nunca confessou por medo de sofrer, *Zeca* também era completamente apaixonado por ela, ao encontrá-lo novamente *Rosa* resolveu deixar o medo de lado e viver essa história de Amor. Abaixo está o trecho do encontro dos dois:

— Eu vim te trazer uma coisa, eu encontrei *Zeca*, seis anos procurando, nesse tempo todo eu pensei em desistir, mas tinha uma coisa dentro de mim que teimava em continuar, e você sempre estava por trás de tudo isso. É linda! Luminosa, florescente, brilhante, só você vendo, a Rosa Rebelde por incrível em que pareça a Rosa Rebelde não tem um espinho, é a única rosa no mundo que não tem espinho, eu tive pena de arrancar, mas trouxe uma pétala para você ver.
— É Linda, é linda como você, eu queria tanto ter estado lá com você!
— Você tava, você sempre teve, eu tinha medo *Zeca*, eu tinha muito medo, de viver esse amor que eu sempre tive por você. —
Você lembra que eu te falei que quando você encontrasse a rosa podia pedir o que quiser a mim?
— Foi por isso que eu vim pra te cobrar.
— E o que você quer?
—Você, eu quero você, eu quero você como meu amor, meu amigo, meu irmão, meu cumplicie, quero você como meu tudo. Eu vim pra ficar, e sabe por quê?, Porque eu te amo.

Depois desse diálogo, *Rosa*, finalmente, fala para *Zeca* as palavrinhas que ela detestava “ Eu te amo!” e diz que ela era uma Rosa Rebelde, mas agora não seria mas rebelde porque não possuía mas espinhos. No entanto, no final do filme percebemos que o realismo ainda era predominante na personagem, quando em um momento ela fala para seu amor que não sabia se ia ser feliz para sempre como nas novelas, o importante é que estava feliz naquele momento.

Estamos no século XXI vivendo em uma sociedade moderna, as mulheres lutam pela igualdade com os homens e já podem trabalhar fora de casa, estudar e optar ou não pelo casamento e pela maternidade. Essas mulheres de hoje enquadram-se em que perfil, no romântico ou no realista?.

Para compreendemos a resposta, primeiramente, é necessário explicar o mito do “eterno feminino”. Beauvoir afirma que:

As mulheres de nossos dias estão prestes a destruir o mito do "eterno feminino": a donzela ingênua, a virgem profissional, a mulher que valoriza o

preço do coquetismo, a caçadora de maridos, a mãe absorvente, a fragilidade erguida como escudo contra a agressão masculina. Elas começam a afirmar sua independência ante o homem; não sem dificuldades e angústias porque, educadas por mulheres num gineceu socialmente admitido, seu destino normal seria o casamento que as transformaria em objeto da supremacia masculina. (2009, p. 1)

O mito está sendo desconstruído diariamente na sociedade. Hoje, vemos muitas mulheres independentes, capazes de decidir a sua própria vida. Porém, elas buscam uma sociedade igualitária. Nesse sentido, a mulher do século XXI é formada por princípios românticos e realistas.

Durante o Romantismo do século XVIII, os românticos agiam com sentimentalidade e idealizam um mundo melhor e a mulher era o retrato da pureza. No filme *Lisbela e o prisioneiro* (2003), a personagem *Lisbela* era doce e sonhadora, aspectos esses presentes no Romantismo, por essa razão consideramos ela a mocinha romântica. No século XIX, o Romantismo perdeu seu lugar quando surgiu um novo movimento, o Realismo, que mostrou as imperfeições mostrando a realidade da maneira que ela realmente é, os realistas viam a mulher como o retrato do pecado. No filme *Uma História de Amor* (2006), a personagem *Rosa* uma mulher forte e decidida, agia por impulso, queria ser livre e agia sem sentimentalidade, e por apresentar essas características realistas, a consideramos como uma mulher realista.

Ao analisamos o enredo completo do filme, verificamos que *Lisbela*, a mocinha romântica, adquiriu características realistas e *Rosa* a mulher realista passou a ter também aspectos de uma mocinha romântica. Tendo em vista a análise das personagens *Lisbela* e *Rosa*, e fazendo uma retrospectiva dos movimentos literários: O Romantismo e o Realismo e suas principais teorias, chegamos à conclusão de que a sociedade do século XXI possui mulheres tão românticas quanto realistas e que a união de tais características forma uma mulher determinada, lutadora, com virtudes e defeitos, mas vez ou outra, ainda acredita no amor.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. A Experiência Vivida. Tradução Sergio Milliet. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

COUTINHO, AFRÂNIO. *A Literatura no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Global 1999. Pag.4-20

COUTINHO, AFRÂNIO. **Introdução a Literatura no Brasil**. 17 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. pag.185-190.

FAZZOLARI, Cláudia. Entre Esposas e Mulheres. In revista. **Discutindo Literatura Especial**. Editor Escala n 01, 2009. pág-52.

LISBELA E O PRISIONEIRO, A Direção: Guel Arraes. Brasil. 1h50min. Son. Color. Formato 16mm.

MOISÉS, Massaud. Romantismo. In **A Literatura Portuguesa**. 33ed. São Paulo: Cultrix, 2005, p. 111-134.

UMA HISTÓRIA DE AMOR. A Direção: Fabrício Mamberti. Brasil. 1h12min. Son. Color. Formato 16mm